

COLEÇÃO FILOSOFIA VIVA

Idries Shah
uma gazela
velada
ver como ver

tradução
Julia Nemirovsky

Tabla

Entre as coisas extraordinárias,
está uma Gazela Velada...

IBN ARABI

SUMÁRIO

- 9 INTRODUÇÃO
- 13 SENHOR DA OPÇÃO
- 18 QUATRO AMIGOS
- 22 QUANDO O MAL É O BEM: A LENDA DE ASILI
- 24 NÃO DÁ PARA DEIXAR PASSAR
- 25 O QUE NÃO FAZER
- 26 JOVEM E VELHO
- 28 NUNCA RECLAME
- 30 SEUS LÁBIOS ESTÃO SELADOS...
- 31 MATÉRIAS DO TERCEIRO ANO
- 32 O HOMEM DE CHAPÉU BRANCO
- 36 SUBJETIVO
- 37 FINAL
- 38 JULGAMENTO ADIADO
- 39 A FONTE DA VIDA
- 40 NÃO SÃO TANTOS ASSIM
- 41 O MOTIVO...
- 42 UMA OUTRA MANEIRA DE FAZER AS COISAS
- 43 A FRUTA CELESTIAL
- 46 O PESO DE UM MOSQUITO...
- 50 UVAS
- 51 O LIVRO DOS SEGREDOS DOS ANCIÃOS
- 55 AS BOTAS DOS NURISTANES
- 56 A MONTANHA MÁGICA
- 59 O MENINO QUE TEVE UM SONHO
- 63 CRENÇA
- 64 UMA CABEÇA DE CAMELO
- 65 O KHAN-CAVALO, FILHO DE UM KHAN

70	TIGRES
72	SEM SOLUÇÃO
73	GURU, O RATO PERSPICAZ
81	VAI FUNCIONAR?
82	ALIM, O ASTUTO
97	PARA QUEM VÊ DE DENTRO
98	LATIF E O OURO DO SOVINA
101	QUANDO DESONESTO É HONESTO
104	DESEQUILIBRADO
105	HISTÓRIA REAL
106	O HOMICÍDIO

INTRODUÇÃO

E entre as coisas extraordinárias, está uma Gazela Velada:
Uma Sutileza Divina, velada por um estado do *self*,
Aludindo aos Estados daqueles que sabem.
Impossibilitados de descrever suas percepções aos outros,
Eles podem apenas indicá-las àqueles que começaram a
sentir algo semelhante...

MUHIYUDDIN IBN ARABI, *O Intérprete dos Desejos*.

As gazelas veladas ou os cervos encobertos (*dhabiyun mubarqa'un*), mencionados por Ibn Arabi, são as percepções e experiências indicadas por aqueles que as têm para aqueles que possuem algum vislumbre delas. “Velar”, na linguagem sufi, indica a ação do *self* subjetivo ou “dominante”, que, devido à doutrinação e às aspirações rasas, impede uma visão mais elevada.

A poesia, a literatura, as histórias e as atividades sufis são as ferramentas que, empregadas com acuidade e orientação, e não automática ou obsessivamente, auxiliam na relação entre o sufi e o aluno para a remoção dos véus.

IDRIES SHAH, 1978

UMA GAZELA VELADA

SENHOR DA OPÇÃO

Três rapazes, que ouviram falar da grande santidade e dos prodígios realizados pelo mestre sufi Kilidi, encontraram-se, por acaso, quando estavam a caminho da sua morada. Viajando juntos, eles conversaram sobre o que sabiam do Caminho e de seus percalços.

“Ser sincero com o mestre é essencial”, disse o primeiro, “e, se ele me aceitar como aluno, é nisso que vou me concentrar para eliminar meu egoísmo vil.”

“Sinceridade”, declarou o segundo, “sem dúvida significa total obediência, mesmo quando provocado a se rebelar. E eu, com certeza, vou me ater a isso. Mas obediência significa, também, evitar a hipocrisia – desejar no íntimo desobedecer – e inclui a generosidade sem orgulho. É o que vou tentar.”

“Sinceridade, evitar o egoísmo vil, obediência, afastar-se da hipocrisia, generosidade”, argumentou o terceiro, “são essenciais, mas ouvi dizer que, se o discípulo tenta enxertar essas coisas no seu *self* inalterado, elas simplesmente se tornam mecânicas, são pantomimas, chegando, até mesmo, a ocultar características censuráveis que aguardam para se manifestar. O verdadeiro discípulo é aquele que não está simplesmente fazendo o oposto do que considera ruim, nem sustentando uma paródia de ‘bondade’. Dizem que é um Buscador da Verdade aquele que é senhor da opção: fazer o bem ou fazer aquilo que precisa ser feito.”

Finalmente, todos chegaram à casa do sufi e foram autorizados a assistir a algumas de suas palestras e a participar de diversos exercícios de fortalecimento espiritual.

Um dia, o sufi disse a eles: “Seja em casa ou na estrada, estamos sempre em uma jornada. Mas, para efeito de ilustração,

eu lhes darei a chance de observar e de participar de uma dessas expedições, em uma forma perceptível”.

Depois de caminhar pela estrada por algum tempo, o primeiro discípulo disse ao sufi: “Sem dúvida, viajar é bom, mas minha mente se inclina para o serviço, a estação sufi na qual se pode obter conhecimento trabalhando para os outros e para a Verdade”.

O sufi perguntou: “Você gostaria de viver em um alojamento situado nesta encruzilhada e servir às pessoas, até que eu venha buscá-lo para retomar os estudos?”. O jovem ficou exultante por ter a oportunidade de realizar sozinho uma tarefa, e os outros o deixaram ali para que satisfizesse as necessidades dos viajantes.

Algum tempo depois, o segundo discípulo disse ao sufi: “Desejo me afastar do egocentrismo, para que meu *self* dominante possa praticar a sinceridade. Gostaria de ficar neste vilarejo e explicar um pouco, para o povo daqui, que não o compreende claramente, sobre o respeito que tenho por você e pelo Caminho”.

“Se esse é o seu desejo, devo conceder-lhe”, respondeu o sufi. Deixando-o ali, em estado de graça, o sufi e o discípulo que restava seguiram viagem.

Alguns dias depois, chegaram a um lugar onde as pessoas brigavam para decidir quem deveria ficar com uma certa extensão de terra e cultivá-la, e quem deveria ficar com outra. O jovem comentou com o sufi: “É curioso como não percebem que, trabalhando juntos, todos se beneficiariam; eles deveriam somar seus recursos e seus esforços para alcançar a prosperidade”.

“Bom”, disse o sufi, “você pode observar que aqui você é senhor da opção. É capaz de ver alternativas que os outros não enxergam. Sua opção é informá-los ou partir em silêncio.”

“Eu não quero lhes dizer nada”, respondeu o jovem, “já que podem não me ouvir e, ainda por cima, voltarem-se todos contra mim. Assim, ninguém sairia ganhando e eu apenas me desviaria do meu objetivo no Caminho.”

“Tudo bem”, disse o sufi, “eu vou intervir.”

Aproximou-se das pessoas e, por meios que apenas ele conhecia, fez com que abrissem mão das terras em seu benefício. Estabeleceu-se lá e, após alguns anos, depois de ter ensinado todos a compartilhar o trabalho, presenteou-os com a terra e com a sua produção; e os dois retomaram a jornada interrompida.

Percorreram novamente os passos da ida e, quando chegaram ao local onde haviam deixado o segundo discípulo, o terceiro jovem percebeu que ele não os reconheceu. A aparência deles tinha mudado após anos de trabalho no campo: o efeito do sol, as roupas e até o modo de falar, devido à longa convivência com os camponeses, estava diferente.

Para o segundo discípulo, portanto, eles eram apenas dois aldeões. O sufi se aproximou do segundo discípulo e lhe pediu que dissesse alguma coisa sobre o mestre sufi que o havia deixado ali alguns anos antes.

“Não fale comigo sobre ele”, retrucou o antigo discípulo, “pois me abandonou aqui para disseminar sua fama nessas terras, dando a entender que voltaria e me ensinaria, e por longos anos não tive notícias dele.”

E, por algum motivo proveniente do Além, assim que proferiu essas palavras, alguns aldeões apareceram e o capturaram. Os recém-chegados perguntaram ao líder por que agiam daquela forma. “Esse homem”, explicou, “veio aqui e proferiu sermões sobre um grande mestre espiritual de quem era discípulo. Nós o acolhemos e ele se tornou rico e bem-sucedido no nosso vilarejo. Chegamos à conclusão, cinco minutos atrás, de que é um mentiroso e uma fraude, e o estamos levando para matá-lo.” Não havia nada que os dois pudessem fazer, embora tivessem tentado, enquanto o pobre homem era arrastado, debatendo-se. “Vê?”, indagou o sufi. “Tentei protegê-lo, mas, aqui, não sou senhor da opção.”

Os dois continuaram a viagem, até que chegaram à encruzilhada onde estava o primeiro discípulo. Ele também não os reco-

nheceu. Quando se aproximaram, o sufi perguntou onde podiam conseguir um pouco de água para beber. O discípulo respondeu: “Estou muito desapontado com vocês, peregrinos. Estou aqui há anos, tentando ajudar as pessoas, e tudo que obtive foi traição. Não vale a pena servir às pessoas. Até mesmo o meu mestre, que me abandonou aqui há três anos ou mais, não está pronto para *me* servir, voltando e transmitindo os ensinamentos aos quais, certamente, todos os homens têm direito...”.

Tão logo essas palavras saíram da sua boca, um grupo de soldados se aproximou e capturou o homem para o serviço forçado. “Pensamos que você era apenas um pobre asceta”, disse o capitão, “mas, ao parar para observá-lo, notamos, pelo seu ar beligerante e seus movimentos violentos enquanto gesticulava, que você é forte o suficiente para prestar serviço ao Estado.” Não obstante os protestos do sufi e do seu pupilo, os soldados levaram embora o primeiro discípulo. “Como pode ver, aqui, eu não sou senhor da opção”, disse o sufi para o terceiro discípulo.

E foi desse modo que Kilidi mostrou ao único discípulo que teve a paciência de entender, que a compreensão dos eventos e as suas ações se inter-relacionam, e que a forma como uma pessoa se comporta interna e externamente irá determinar seu progresso tanto quanto qualquer coisa feita por qualquer outra pessoa.

“Se lhe perguntassem o que aprendeu, o que você diria?”, indagou Kilidi.

O jovem respondeu: “As pessoas veem as coisas isoladamente, pensando que, se fizerem o que querem fazer, sem dúvida, conseguirão o que desejam. Além disso, sua bondade gera frutos e sua maldade também, e nada pode impedir a colheita de ninguém. Aprendi ainda que, no caminho, tudo está conectado: pessoas, lugares, acontecimentos e ações. E, por último, aprendi que, embora os maus pensamentos e ações de uma pessoa possam acabar com toda a sua expectativa de progresso, há uma escusa Misericordiosa: pois não foi permitido a mim continuar

meu aprendizado apesar da minha recusa em exercer a opção quando fui senhor dela?”.

Nesse momento, ouviu-se um som rascante, e o terceiro discípulo ficou ciente da verdade do Entendimento Maior; e, nesse meio tempo, o mestre sufi Kilidi desapareceu e nunca mais foi visto.

Ele então percorreu o restante do caminho até a casa do mestre, onde um grande número de dervixes estava reunido. Quando entrou, pôs na cadeira do mestre o tapete de oração de Kilidi, que levava consigo. Os dervixes que observavam a cena soltaram um sonoro grito de boas-vindas e o líder deles se aproximou do terceiro discípulo.

“Mestre”, disse ele, “estamos esperando aqui, sob um voto de sigilo, há mais de três anos, desde que o Grande Shaykh Kilidi nos deixou, dizendo que retornaria aos céus e, que aquele que trouxesse de volta seu tapete de oração, seria seu sucessor.”

A ponta do turbante cobria como um véu o rosto desse dervixe. Ao entregar a instituição para o terceiro discípulo – agora mestre – e preparar-se para tomar seu próprio rumo, o tecido que cobria o seu rosto moveu-se, por um momento, e o novo mestre sufi pôde ver o rosto de Kilidi sorrindo à sua frente.

QUATRO AMIGOS

Era uma vez um sufi que decidiu fixar morada numa determinada cidade, onde fundaria sua escola. Lá, viviam três homens que conheciam o seu trabalho e haviam escrito para ele, expressando o desejo de ajudá-lo no que fosse preciso.

Assim sendo, visitou-os um por um.

O primeiro era um dos acadêmicos mais conhecidos da região. Ele disse ao sufi:

“Seja muito bem-vindo, colocó-me à disposição para ajudá-lo com o seu trabalho e com o que mais desejar. Além disso, é claro, gostaria muito de ser seu aluno”.

O sufi agradeceu e disse: “Eu certamente gostaria de ensiná-lo, mas temos, antes disso, um trabalho preparatório a fazer: não se pode viver em uma casa até que ela seja construída”.

“Diga o que devo fazer”, replicou o acadêmico.

O sufi continuou: “Supondo que eu venha a ser uma pessoa bastante polêmica nessa cidade, eu gostaria que você se tornasse meu crítico, utilizando suas habilidades acadêmicas, nos limites razoáveis, para argumentar contra meu trabalho de modo racional e conveniente”.

“Trata-se de um pedido nada comum”, replicou o acadêmico, “muito distinto dos métodos familiares ao pensador trivial. Mas, como prometi servi-lo, tentarei fazer o que me pede.”

O sufi deixou-o e foi encontrar o segundo homem, um advogado letrado e influente, também muito respeitado na região.

O advogado, do mesmo modo, expressou o desejo de ajudá-lo no que fosse e de se tornar seu discípulo, ao que o sufi respondeu:

“Gostaria muito de tê-lo como aluno, mas primeiro aceitarei sua oferta de me ajudar no que for preciso. Peça que faça o se-

guinte: se e quando ouvir falar que estão debatendo sobre mim nessa cidade, você deverá defender meu nome e meu trabalho da forma mais sensata que puder, de modo que eu tenha um defensor racional e sereno”.

“Muito me satisfará realizar essa tarefa”, disse o advogado, “ainda que eu não imaginasse que pessoas íntegras tivessem a necessidade de acordar um apoio.”

Finalmente, o sufi apresentou-se à mansão do terceiro homem, que era, por acaso, o prefeito da cidade. O governante expressou seu desejo de se tornar discípulo e de servir, da forma que fosse, ao sufi, a quem tanto respeitava. O sufi agradeceu e propôs:

“Muito me satisfaria tê-lo como discípulo, mas, antes de mais nada, preciso que você aja de determinada maneira, para que os eventos se sucedam da melhor forma possível. Primeiro, eu gostaria que me incumbisse de um cargo honorável, dentro das minhas capacidades e na medida em que eu possa cumprir adequadamente todas as responsabilidades a mim delegadas. Mas você deverá, também, ocasionalmente, censurar-me ou ameaçar-me em público, para deixar claro que meu trabalho não é sinecura”.

O prefeito concordou, comentando, apenas, que estava surpreso por alguém desejar ser submetido a uma demonstração de instabilidade como essa.

Os anos se passaram e, no tempo devido, o sufi ganhou muitos discípulos e montou seus próprios negócios, que garantiam o seu sustento. Enquanto isso, ele havia, é claro, tornado-se amplamente conhecido, e o acadêmico havia argumentado contra seus ensinamentos, enquanto o advogado também desempenhava seu papel, defendendo o ponto de vista oposto.

Finalmente, no dia em que pôde deixar seu trabalho com o prefeito, o sufi chamou os três homens até sua casa e, oferecendo-lhes uma refeição, informou a todos que estava agora pronto para aceitá-los como discípulos.

“Ainda que seja, é claro, prerrogativa do mestre ensinar do modo que julga ser o melhor”, observou o acadêmico, “eu gostaria de saber por que pediu a um de nós que o apoiasse, a outro que se opusesse a você e, ao terceiro, que o ameaçasse.”

O sufi respondeu:

“Estou perfeitamente pronto para esclarecer os motivos das distintas tarefas. Primeiro, tenham em mente que o exterior precisa estar firme para que o interior possa se tornar firme; e que aqueles que foram os primeiros a me aceitarem, são os últimos a serem aceitos no Ensino, simplesmente por serem os que precisam de menos tempo de estudo.

Eu pedi que você, o acadêmico, argumentasse contra mim para que, quando a inevitável oposição surgisse, as pessoas, em vez de organizarem uma campanha impensada contra o Caminho, deixassem a tarefa para aquele que já representava adequadamente tal ponto de vista. Quem melhor do que o lógico mais capacitado para expressar todos os aspectos de uma situação?

Mas, como sempre existem pessoas que são influenciadas pela propaganda hostil, era necessário que alguém defendesse o outro lado da questão. Para esse papel, escolhi um advogado respeitado, que possuía, também, uma cultura ampla, a quem as pessoas ouviriam tanto quanto ouviriam o acadêmico.

Como uma esponja que absorve o excesso de água, essa ação mútua pôde sorver a controvérsia excessiva que, como sempre, está enraizada na atração das pessoas por polêmicas. A discórdia foi, desse modo, contida sem dano, e o desejo por discussão – que existe como uma força em si mesma – encontrou uma expressão aceitável. Como nenhum de vocês pretendia ganhar reputação com a vitória, o debate ficou nas mãos de indivíduos que não iriam distorcê-lo para fins pessoais.

O desejo de obter um cargo adequado na administração desta cidade veio tanto de uma tradição do nosso Caminho, segundo a qual aqueles que o seguem devem exercer uma atividade

remunerada, quanto do desejo de poder contribuir para o bem das pessoas, sendo alguém que, aos olhos delas, possui certo status – algo que se faz necessário quando se conhece a mentalidade das pessoas. A necessidade de ser ameaçado provinha do fato de existir, em todos os sistemas administrativos, indivíduos que buscam subornar, corromper ou sabotar autoridades públicas. Se eles considerassem meu cargo instável, tenderiam a me deixar em paz, contando com a probabilidade de que, de todo modo, logo eu seria dispensado. As conspirações dessas pessoas chegariam também aos ouvidos do prefeito, quando tentassem influenciá-lo para que se voltasse ainda mais contra mim, expondo assim suas características internas e permitindo que ele tomasse a atitude necessária. Além disso, qualquer conspiração que tramassem entre si, buscando minha derrocada e sua ascensão, desviaria sua energia, em vez de afligir secretamente o Estado.

Vivemos em um mundo onde as pessoas têm pouquíssima consciência das origens das suas ações, e, portanto, a comunidade humana é influenciada por fatores sem fundamento. Organizá-los em um padrão de defesa que ajudaria aqueles que estão tentando fazer o bem é, no mínimo, tão útil quanto persegui-los e podá-los, permitindo apenas que outras ervas de natureza semelhante cresçam e tenham, novamente, de ser combatidas. Ao escolher este último caminho, nunca progrediríamos. Na melhor das hipóteses, permaneceríamos onde estávamos, arrancando ervas daninhas e aguardando para arrancar mais. Nessas circunstâncias, como um povo poderia progredir em direção ao verdadeiro destino do homem?”.